

Tendências / Debates

Os artigos publicados com assinatura dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Para lá dos cruzamentos

TRISTÃO DE ATHAYDE

Como tive ocasião de escrever há uma semana, a propósito da morte de um dos meus mais queridos companheiros de viagem, cruzamos de rumos em 1928 para, porventura, mais nos unirmos na posteridade.

Eis por que tomo a liberdade de resumir a "Carta a Sérgio Buarque de Holanda" que em 1929 lhe escrevi e hoje tanto nos aproxima no plano do espírito.

"Não vou fazer a você nenhuma dessas narrativas íntimas, que nos primeiros anos da adolescência tanto lisonjeiam nossas vaidades, quando julgamos que os homens realmente se interessam por aquilo que para nós é um problema de vida ou morte. Quero apenas dizer-lhe que não ignoro o que há de irresistível na engrenagem sutil das demissões de nosso próprio eu. Da mesma forma que não ignoro quanto há de delicioso e de confortável na eterna recusa aos compromissos. E quanto a beleza foge aos gestos precisos. E quanto a verdade parece ganhar com a ilimitação. E quanto a vida é mais mansa ao sabor dos ventos. E quanto... Mas chega o momento em que sentimos, como você bem sabe, o que excede de nós e não apenas a necessidade do que excede de nós. Vemos então, com outros olhos, os anos de luta para mantermos a disponibilidade gídana, para guardarmos, não apenas a serenidade mas ao menos a irresponsabilidade do diletantismo ou da incessante evanescência de todos os contrários pelos semelhantes, de todos os semelhantes pelos contrários...

"O necessário, porém, creio eu, é compreender que o mal é esperar por algum sistema. O erro é pensar que a realidade se prende a qualquer sistema humano ou em qualquer ausência sistemática de um sistema. Pois o amor da evasão pela evasão é a pior das servidões. Nunca nos sentimos tão presos como ao pretendermos forçar todas as portas. Nunca somos tão limitados como quando nos limitamos à estabilização. A recusa incessante é um orgulho, que se reduz a uma subordinação tácita e sucessiva. E você, que possui no fundo o verdadeiro sentido cristão da vida, precisaria apenas, creio eu, um pouco menos de desespero do homem para alcançar também o senso católico, que outra coisa não é senão a plenitude cristã. Não haverá uma ilusão ou uma ponta de orgulho em julgar que existe "uma cesura, uma disjunção fundamental entre o Espírito e a Terra" (palavras de Sérgio), quando um e outro estão indissoluvelmente unidos na mesma unidade fundamental, e que a única cisão que existe, e essa mesma nunca absoluta e sempre resolúvel, é a que se dá entre a Transcendência e a Imanência, entre o que está subordinado às condições de espaço, tempo, espaço-tempo ou outras quaisquer que venham a descobrir e aquilo que se exime, por sua própria natureza, às limitações das coisas criadas, dos espaços finitos, dos tempos limitados?... Descartes, Kant e em geral toda filosofia moderna fundaram sobre o Homem o que o bom senso nos leva a fundar em princípios impessoais e ultra-humanos. Toda a evolução do pensamento moderno, desde o século VII, se tem feito no sentido de antropomorfizar o universo, reduzir a verdade ao nosso espírito... No momento em que a ciência mostrava que era necessário arrancar quanto possível de nossas concepções o erro geocêntrico, a filosofia nos arrastava toda ela a construir os nossos sistemas sobre um erro homocêntrico. De modo que hoje chegamos a dissociações terríveis e inevitáveis, que vão lentamente conduzindo o nosso mundo a uma rebarbarização coletiva. Perdendo o senso da universalidade, perdendo o sentido das hierarquias do real, perdendo a intuição do equilíbrio essencial a todas as coisas criadas e incriadas, o homem de nossos dias está preparando para o futuro uma desumanização crescente, uma crescente desculturalização. Por excesso de orgulho está caminhando para a humilhação do gregarismo. Por excesso de libertarismo, para a servidão. Separando o Espírito da Terra, como você tão bem o exprime, o homem de nossos dias divinizou talvez sem querer seu próprio espírito. E esse o resultado de quatro séculos de inversão sistemática do caminho normal da inteligência das coisas e do conhecimento que o homem pode ter de si próprio. E é desse espírito de autodivinização, meu amigo, que vejo impregnado todo o seu pensamento.

"Optando pela Verdade eu bem sei que arranco de mim mesmo as últimas veleidades de influir sobre "a nossa geração e o nosso momento", que só amam a ilusão. Sei que me coloco, ao menos na estrutura fundamental de minhas condições, em oposição ao espírito do tempo, à inclinação invencível do momento e mesmo a tudo aquilo que, no fundo de nossas almas, se inclina a aceitar tudo isso, com o carinho e a saudade dos estados de espírito longamente cultivados. As novas gerações adoram o vir-a-ser, quando eu creio que deve existir uma opção necessária pelo ser. Adoram as coisas no tempo, quando sustento o dever de não nos deixarmos vencer pelo tempo. Optam pela subordinação do indivíduo à massa, quando vejo a necessidade de salvar o indivíduo. E se combatem o aniquilamento do indivíduo, é para libertá-lo incondicionalmente, quando devemos todos livremente restabelecer as fronteiras de nossas próprias indistincções. Amam apenas os estados instintivos do espírito, quando a verdade se encontra depois dos estados de intuição intelectual. Cultivam o subconsciente, quando ela está no supraconsciente.

"Tudo isso indica claramente, a quem quiser ver, que havia apenas uma lógica no abandono da "posição teórica insustentável e antinatural", que você viu perfeitamente com a lucidez de sua penetração de crítico e de amigo. Você acha que muito mais heróica é a posição de se "importar com a verdade sem nenhuma consideração pelas conveniências", na frase sibilina que eu não quero interpretar. Eu bem sei que não há heroísmo algum na violência de certas opções necessárias. Mas posso lhe assegurar que, para vencer toda a imensa perplexidade que você percebeu perfeitamente naquele livrinho (Tentativa de Itinerário, 1929), para abafar no fundo da alma todas as vozes de sereias que convidavam ao repouso, ao sibirismo estético, à entrega ao curso das águas do nosso tempo, para machucar todas as veleidades de carregar alegremente sobre os ombros irresponsáveis o peso leve de lisonjeador de vaidades e de diletantismos, para renunciar categoricamente a toda popularidade entre os novos, para quebrar enfim a intimidade de idéias e de

atitudes com tantos amigos e companheiros de sempre — para fazer tudo isso eu bem sei que não é necessário heroísmo algum, mas certamente alguma resignação à vontade de Quem nos arrasta, certa ironia consigo mesmo e um pouco de amor à verdade.

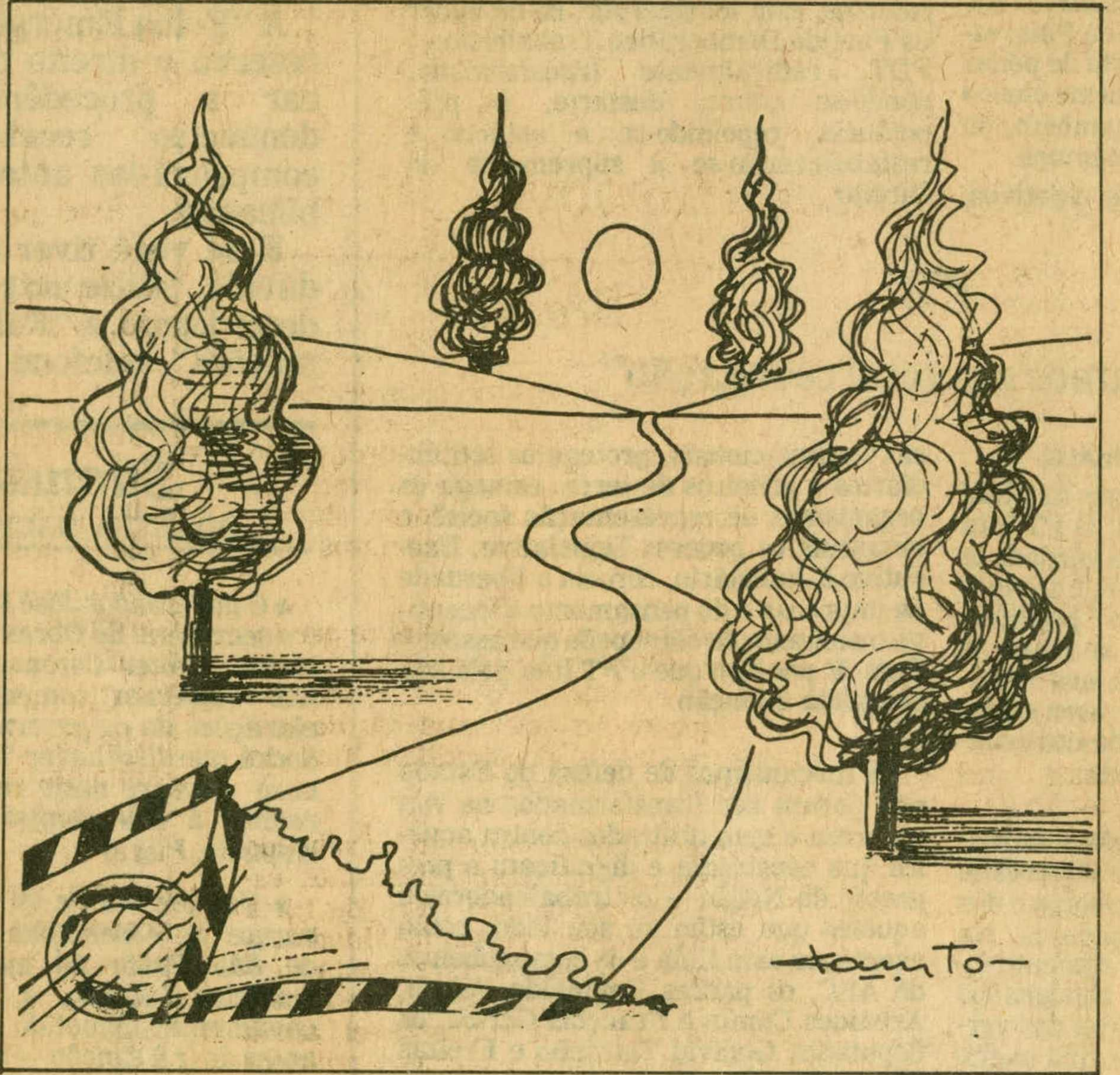
"Você escolheu o caminho da inopção. Você extralimitou todos os seus limites. E é possível que para fazê-lo tenha tido de vencer em si próprio muralhas tão intransponíveis, desertos tão áridos e tão martirizadores, como os daqueles que seguiam o caminho contrário. E a vitória tem de ser incessante, pois a cada minuto recomeça em nós a virginalidade da vida. Para aqueles, como você, que vieram do alto das torres para as planícies, haverá seguramente um dilaceramento tão fundo na alma, como para aqueles que sentiram em si, dia a dia, a ruptura das limitações naturais.

"Mas os caminhos da vida não nos separam (nem os cruzamentos da morte. Nota de 1982). E eu confio profundamente no sentido que você tem, do que há de trágico na Verdade, ou, como

você escreveu no seu ensaio sobre Thomas Hardy: "Somente o caminho do Mal e a experiência da Dor podem nos transferir para um mundo mais elevado. A dor é um enriquecimento, uma simples escada, um elemento indispensável para a nossa ascensão. É esse o sentido fundamental da tragédia cristã". Quem escreveu essas linhas é que compreendeu até onde vai a sombra da Cruz. E é por lá que nos encontraremos". (1929)

Se transcrevo, em resumo, essa página escrita no próprio calor de nossa troca de rumos em 1929, é só para mostrar como a experiência das Alegrias e dos Sofrimentos da vida, por caminhos opostos, pode levar-nos à Fonte comum, que supera "a sombra da Cruz", pela luz da Ressurreição e da Vida.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) é ensaísta, crítico literário e pensador católico, dos mais influentes de sua geração; foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia e autor de vasta obra.



LIMA, Alceu Amoroso // Para lá dos Cruzamentos. //
Folha de São Paulo // São Paulo, 25 Jun 1982.
Opinião. p. 3.

Transcrição de uma carta do autor enviada
a SBH em 1929.